

“A Linguagem dos Pássaros” (Mantiq-at-Tayr) e a mística do Islã

“The Conference of Birds” (Mantiq-at-Tayr) and the mystical of Islam

Dilaci S. Faria¹

[dilafarjf@yahoo.com.br]

Resumo

A busca que o ser humano faz do divino é tema central das mais diversas religiões. Os religiosos procuram encontrar Deus de várias formas. Algumas pessoas praticam a religião de maneira ortodoxa, outras buscam na simplicidade das ações cotidianas a forma de reverenciar e encontrar o Criador. Há ainda os que usam da linguagem escrita, prosa ou verso, de forma alegórica para compreender o sagrado. O livro, traduzido como “A Linguagem dos Pássaros” ou “A Conferência dos Pássaros”, encontra-se nesse grupo. Esta obra, escrita no século XII pelo místico muçulmano persa Faridud-Din Attar é prova da sensibilidade, da perseverança, da delicadeza e das dificuldades que o ser humano enfrenta para obter sua aproximação com Deus, que às vezes lhe parece tão perto e outras vezes tão distante.

Palavras-chave: Sufismo; Coração; Alegoria.

Abstract

The search for God is a central theme of most religions. Religious devotes try to find God in many ways. Some by practicing religion in an orthodox way; other by pursuing the simplicity of daily actions as a form of to reverence God face-to-face. Other, still, by resorting to allegoric language, in prose or verse, to realize the sacred. The Attar’s “*Conference of Birds*” belongs to the latter group. This book, written in 12th century’s Persia, is the testimony of the complexities, perseverance, delicacy and the difficulties that men have to go through to get near God.

Key words: Sufism; Heart; Allegory.

¹ Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução

“Deus está mais próximo de nós do que nossa veia jugular”
(Corão, 50:16)²

“A *Linguagem dos Pássaros*”, *Mantiq-at-Tayr* ou “A *Conferência dos Pássaros*” grande poema místico escrito na Pérsia do século XII por Faridud-Din Attar, introduzido na Europa em 1863 pela tradução francesa de Garcin De Tassy, é uma narrativa alegórica que apresenta a essência do pensamento sufi.

Trata-se de uma das maiores e mais importantes obras da literatura muçulmana e também da literatura mundial, acolhida por importantes escritores europeus como Cervantes, Chaucer, Milton, Dante, e também pelo argentino Jorge Luis Borges e pelo mexicano Octavio Paz.

O remoto rei dos pássaros, o Simurg, deixa cair no centro da China uma pluma esplêndida. Cansados de sua anarquia, eles vão em busca de seu rei. Sabem que sua fortaleza está no Káf, a montanha circular que rodeia a Terra. Empreendem a quase infinita aventura; superam sete vales, ou mares; o nome do penúltimo é Vertigem; o último se chama Aniquilação. Muitos peregrinos desertam; outros perecem. Trinta, purificados pelos trabalhos, chegam à montanha do Simurg. Enfim o contemplam (Borges, s/d.).

“Attar”, que significa perfume, odor de rosas, é tido como um dos três maiores poetas místicos persas de todos os tempos, juntamente com Sanai e Djalal Ud-Din Rumi. Além do seu “*Diwan*” (coletânea de versados religiosos) foi autor de diversos “*Masnavi*” (esquema de dísticos com rima, adotados em poemas épicos, alegóricos ou místicos) e de uma hagiografia, ou Memorial dos Santos, a “*Tadhkriatal-Awita*”.

A narrativa descreve de maneira metafórica as etapas percorridas pelos pássaros-homens para atingir um estado desconhecido da consciência humana, e por isso colocado além da barreira de palavras e da mente. A esse estado ele nomeia de Simurgh, que pode ser encontrado quando se pratica determinadas ações que levam o homem ao despojamento de ilusões, dos falsos e mundanos ideais.

A proximidade de Allah com o homem é um marco na crença do Islã, palavra que significa “entrega”, “submissão” a Deus. Na citação inicial: “Deus está mais próximo de nós do que nossa veia jugular” pode-se perceber a intensidade dessa percepção e sentimento.

² O Corão é dividido em capítulos, denominados “suras ou suratas”, que são compostos de versículos. A indicação 50 significa o número da sura e em seguida aos dois pontos o número do versículo, 50:16.

O Corão não é um tratado teológico, mas um livro sagrado que propõe preceitos marcados pelo aspecto prático e ético. A comunidade muçulmana é mais preocupada com a moral do que com as questões teológicas.

Os professantes da religião de Mohammad (Maomé) da península Ibérica fizeram especulações em face de outra perspectiva de percepção do sagrado, fato que fascinou os intelectuais e artistas muçulmanos incitando-os para a produção de um tipo de expressão de sentimento religioso que os tornaram conhecidos mundialmente. Nasceu um grupo que se tornou interprete dos ensinamentos corânicos, das palavras de seu líder, com uma conotação diversa, ligada ao sentimento, à interiorização reflexiva (esotérico) diferente do conhecido até então ligado à ortodoxia do texto sagrado (exotérico). A proposta desses devotos foi o que passou a ser conhecido como pensamento sufi.

Em razão da riqueza dos ensinamentos e da extensão do texto de Attar o que me foi possível apresentar neste simples artigo é uma pálida descrição e singelos comentários sobre os ensinamentos que o autor, de forma tão rica, oferece àqueles que se interessam em tomar conhecimento da proposta que “*A Linguagem dos Pássaros*” oferece. Com este objetivo agrupei os assuntos em cinco tópicos de modo a possibilitar ao leitor uma rápida percepção do sufismo e da obra.

O Sufismo

O termo sufi procede de “*suf*”, lã, ou hábito de lã usado pelos religiosos ascetas. Os praticantes do sufismo, os sufis, entendem que é impossível chegar a Deus somente pela inteligência, pela razão, pela vontade. Para o sufismo, a intuição é mais importante que a racionalidade, e dogma é sempre a racionalização do que se teme ou se deseja.

O sufismo não adota nada como sagrado, nem dogmas, nem símbolos, nem ícones, nem templos, e é absolutamente flexível, adequando-se ao momento, ao presente. O ensinamento sufi concentra-se na essência, o que importa, sempre, é a interioridade.

Esse importantíssimo ramo da tradição esotérica foi mantido notadamente no médio Oriente. A palavra esotérica possui precisamente a acepção do termo grego

“*esoterikós*”, interior, e está relacionada à busca espiritual do homem, à procura do autoconhecimento como caminho para atingir a verdade suprema.

Uma das enunciações do sufismo se ancora na *shari'ah*, religião positiva e a na *haqiqah*, a ideia. A religião positiva é o aspecto exotérico, é o símbolo. A ideia, por sua vez, é o aspecto esotérico de religião positiva, é o simbolizado. “O exotérico está em perpétua flutuação como as ondas do mar, criando formas efêmeras de acordo com as épocas e nações do mundo. Já o esotérico é uma energia divina, o fundo imutável dos oceanos, que não está submetido à transformação, ao devir. Por tanto, a religião não pode assumir um caráter dogmático. Para se chegar até ela são necessários iniciadores: a “*tariqa*”, ou o método para integrar os dois elementos componentes, a religião exteriorizada e o Espírito essencial da espiritualidade divina.

Ali Shahem em “Princípios Gerais do Sufismo” reafirma que a essência do conhecimento iniciático, no sufismo como em outras doutrinas esotéricas, tem como denominador comum “a busca da verdade através de uma combinação de teoria e prática”, reforçando a ideia da necessidade de o buscador sufi ter um mestre, um guia espiritual. O autor coloca ainda que atualmente existem quatro estágios pelos quais o buscador sufi deve passar em seu caminho para a perfeição e união com a Essência Divina. O primeiro, “*Nasut*”, ou “*Humanidade*”, tem como principal característica o fiel cumprimento pelo neófito das “leis e cerimônias islâmicas”. O segundo, o método, “*Tariqa*”, ou “*Capacidade*”, dá ao buscador a condição de iniciado; ele deixa de ser um neófito no caminho espiritual e se torna um sufi. O terceiro, “*Araff*” indica que os olhos do buscador foram abertos e ele está de posse de conhecimento sobrenatural e interior. E o estágio final, “*Haqiqah*”, é o da “*Verdade/Realidade*”, perfeita, plena e suprema união da alma com a Divindade.

O mestre sufi deve ser entendido como alguém que já trilhou o caminho do autoconhecimento e chegou a um nível de consciência maior, e por isso é um ser mais integral. As práticas do sufismo podem se desenvolver para além do ensinamento oral, ou seja, por meio de atividades específicas que passam pelos exercícios respiratórios e pela dança. Atividades que apenas um mestre, empregando técnicas e métodos próprios têm condições de prescrever ao discípulo.

Além disso, como afirma Faustino Teixeira, na palestra “As partes e o todo: o apelo da mística Islã” em palestra na “X Semana de Filosofia da UFSJ”, o caminho da

mística sufi é a lógica do coração e citou Muhammad Katami, ex- presidente do Irã, para a compreensão das peculiaridades do pensamento islâmico, com vivos reflexos na tradição sufi, que está aberta para a complexidade do real:

nossos grandes pensadores, embora cientes da indispensabilidade da razão, sabiam que ela, sozinha, não poderia desvelar toda a realidade. Nossas tradições religiosas pregam que, no final das contas é a fé no coração, e não no intelecto, que apreende a realidade em sua totalidade (Kahatami, 2006, p. 61).

A maneira pela qual a tradição sufi acessou o real divino foi através do coração que é como um espelho que reflete a luz da divina Realidade. No dizer de Henri Corban para o sufismo o coração (*qalb*) é tido como “órgão sutil da percepção mística”, capaz de projetar a cada instante a presença diversificada das teofanias (Corban, 2001, p. 35).

O sufismo afirma o mistério da unidade da existência, mantendo viva a consciência da relatividade das coisas, o que não o identifica com o panteísmo, como apontou Frithjof Schuon, pois o panteísmo propõe uma concepção que pressupõe uma continuidade entre o Infinito e o finito, entre o Princípio Ontológico e a ordem manifesta. O sufismo não concede às coisas, em hipótese alguma, uma atribuição de autonomia com respeito ao Ser ou ao Real (Schuon, 1991, p. 51-52).

A invocação “Deus é o Maior” (Allahu Akbar), expressão tão repetida pelos muçulmanos sufis é prova dessa percepção, que é um viés de grandeza encontrado em toda religião monoteísta. Os ensinamentos corânicos exaltam a grandeza de Deus e Sua proximidade com o ser humano. A plenitude de Deus é sempre realçada no texto sagrado muçulmano, como é possível observar na sura 112, com apenas quatro versículos, que retrata a crença na grandiosidade e plenitude de Deus.

Dize: Ele é Allah, Único.
Allah é o Solicitado.
Não gerou e não foi gerado.
E não há ninguém igual a Ele.
(Corão, 50:16)

A proposta de Attar

“*A Linguagem dos Pássaros*” é um colóquio de aves através do qual o autor conta a história de um bando de pássaros que resolve empreender uma viagem em busca de um chefe, de um deus, de um sentido para a vida. Esse grupo se reúne em assembleia e ouve falar no Simurg, pássaro formidável, que foi eleito para ser seu Rei.

Attar, com alto caráter simbólico, em fala ritmada, conduz o leitor a uma peregrinação pelo cotidiano da Pérsia do século XII, através de uma comitiva que conseguiu reunir, “todos os pássaros do mundo” para juntos se aproximarem de Simurg, o rei dos pássaros. Para fazerem esse percurso foi eleita como guia, como mensageiro divino, a poupa (folhaonline, 29/05/2008), ave típica da região. “*A Linguagem dos Pássaros*” apresenta de forma inteligente e instigadora, entremeadas com a narrativa principal, parábolas, histórias da tradição muçulmana como de *Layla e Majnum* (casal persa de namorados), das mariposas, de príncipes e mendigos, de dervixes, de *sheihks* e profetas. Essas histórias cadenciam o ritmo das aventuras dos pássaros, conduzidos pela poupa, de modo a dar uma pausa ao leitor para assimilar os ensinamentos desses viajantes.

A busca da compreensão do mistério da presença de Deus, que é sempre maior do que qualquer ser humano possa imaginar, é uma das características de todo texto que procura levar os iniciados a um entendimento verdadeiro de Sua grandeza por meio do encontro com Simurg, rei dos pássaros, pois os homens, de modo geral, têm dificuldade em entender esse mistério.

A simples leitura do livro, porém, não faz de ninguém um sufi, nem mesmo um iniciado no sufismo. A exemplo de outras escolas esotéricas, o sufismo exige do buscador a presença de um mestre vivo, de um guia como a poupa foi para os pássaros. Os estágios pelos quais o buscador passa na sua viagem aparecem de maneira alegórica na narrativa de Attar e o resultado final é conseguido quando os pássaros viajantes encontram Deus e se encontram em Deus.

No dizer de Leo Gilson Ribeiro a filosofia mística arábico-persa que sustenta ser o espírito humano uma emanção do divino, no qual se esforça para reintegrar-se, “*A Linguagem dos Pássaros*”, de Faridud-Din Attar, é um

relato cheio de magia e encanto que nos revela o deslumbramento de uma das supremas meditações místicas mundiais: a linguagem desses pássaros é uma iniciação ao caminho ético e divino, uma forma de Tao persa, que indica o comportamento moral correto ao seguidor de uma das mais belas e acessíveis ramificações do Islamismo (Ribeiro, s/d.).

O texto, tantas vezes comovente, dirige-se ao intelecto, à compreensão e interpretação das mais altas verdades que a alma humana possa alcançar. É o coração o alvo dessas palavras revestidas de nobreza, desapego a todo e qualquer materialismo,

regido somente pelo amor ao próximo e o desejo ardente, radical, de se atingir a Origem, Deus, através dos percalços dolorosos da vida até se chegar à *unio mystica* com a Divindade.

A história contada de maneira metafórica incita o raciocínio dos leitores com alusões que propiciam um entendimento sutil. Os pássaros podem ser homens comuns ou, em outra exegese, os próprios adeptos do sufismo em busca de Verdade eterna e imutável.

No livro, a ave mais nobre, a poupa, conhecida também como mensageira do Rei Salomão, conduz os pássaros rumo a Fênix, Deus eternamente ressurgido e resplandecente. Só alguns pássaros chegam até Simurgh. (trinta pássaros).

O pássaro Simurg seria a metáfora do mestre perfeito e a manifestação de Deus como é também o eu interior, o que se encontra na palavra de Ali (o quarto califa e primeiro ímã xiita), quando diz: “Aquele que chega a se conhecer, ou a adquirir o conhecimento do seu eu, conhecerá seu Deus”.

A Invocação

Nos moldes do texto sagrado do Islã, Attar abre a narrativa com uma Invocação de louvor ao Santo Criador da alma com alusão à criação do mundo descrita no Corão, 2:111, semelhante a Gênesis, I, 3; e aos Salmos, XXXII, 9. Prossegue em seguida:

Deus produziu o vento, a terra, o fogo, o sangue; por estas coisas Ele anuncia Seu segredo. Ele colheu a terra a amassou-a com a água; depois de quarenta manhãs, colocou nela a alma, e esta deu vida ao corpo. Deus deu-lhe inteligência para que ela tivesse o discernimento das coisas. Quando viu que a inteligência estava de posse do discernimento, deu-lhe a ciência, para que pudesse apreciar tudo o que lhe havia sido conferido. Quando o homem tomou posse de suas faculdades, confessou sua impotência e submergiu no espanto; então seu corpo entregou-se aos atos exteriores. Amigos ou inimigos, a sabedoria impõe a todos inclinar a cabeça sob o jugo de Deus; e, coisa admirável! Ele vela por todos nós (Attar, 1991, p 3).

“Deus é tudo, e as coisas têm somente um valor nominal. Sabe que o mundo visível e o mundo invisível são Ele mesmo. Não há nada além dele, e o que é, é Ele”(Attar,1991, p. 4).

Mais a frente, o escritor refere-se ao mistério da criação do ser humano ao dizer:

Quando a alma uniu-se ao corpo, tornou-se a parte e o todo: nunca se fez um talismã mais maravilhoso. A alma participou da elevação, e o corpo, da baixeza terrestre. Formou-se um amálgama de terra vil e espírito puro. Por esta mescla o homem

tornou-se o mais admirável dos mistérios. Ninguém, no entanto teve conhecimento desse segredo, e de fato, não é assunto para qualquer indigente. Qualquer coisa que queiras dizer, o melhor é guardar silêncio, pois ninguém poderia lançar um suspiro sobre esse tema (Attar,1991, p. 5).

Attar finaliza sua invocação exaltando o sofrimento pelo qual o Líder dos Profetas passou por causa de injúrias e maldades, sem se esquecer de antes mencionar o sofrimento de Cristo ao pé da cruz, de João Batista, com sua cabeça degolada, de Zacarias, morto em silêncio. Não deixou de relembrar as lamentações de Adão, de Noé que sofreu mil anos nas mãos dos ímpios, de Abraão, o desafortunado Ismael, sacrificado no amor divino, de Jacó que ficou cego de tanto chorar por seu filho, de José, na escravidão, no poço e na prisão. Mencionou ainda na sua invocação Jó, estirado na terra com vermes e lobos; de Jonas que se perdeu no caminho e foi parar no ventre de um peixe, a baleia; de Moisés que ao nascer foi colocado numa cesta e o faraó exaltou-o; referiu-se ainda a David que se ocupava fazendo armaduras e a Salomão de quem apoderou-se um *djinn*, espírito.

Em seguida vem a primeira Parábola. Depois o Elogio a Mohammad, o Senhor dos Enviados. Narra uma História Alegórica e Elogios a Abu Beker, o primeiro amigo do Profeta e pai de sua última esposa, Aisha, fala sobre Omar o segundo Califa, sobre Osman, o terceiro também sobre Ali, o quarto Califa sucessor de Mohammad, dentre outros temas, encerrando essa introdução com a “Oração de Mohammad”.

A Invocação feita por Attar mostra um místico profundamente ligado e respeitoso aos ensinamentos corânicos. Com essa característica de comprometimento e atenção com e aos ensinamentos do Corão chega-se ao primeiro capítulo que inaugura a narrativa da grande viagem.

A Busca de Deus

O tema divide-se em sete partes: a procura, a paixão, o conhecimento, o desinteresse perfeito, a unidade em Deus, a estupefação e a anulação de si mesmo no Bem-Amado. É desse modo que começa a busca do neófito que supera cada dificuldade que surge nesse caminho, até alcançar e desvelar sua miragem pessoal permitindo assim contemplar uma realidade absoluta desprovida de fantasias. A necessidade do simbolismo é evidente, uma vez que, a ignorância da meta final faz com que para alcançar essa meta a maneira seja pela eliminação. Sabendo o que “não é”, a mente descobrirá finalmente “o que é”.

A narrativa começa com o interesse que um grupo de pássaros (mais de mil) sentiu de procurar e encontrar o seu Rei. Como eles não podiam fazer isso sem um guia, reuniram-se em assembleia e pediram ajuda à sábia poupa para efetuarem a busca. A poupa lhes disse que o rei que estavam procurando, Simurg vivia escondido na montanha de Kaf. Explica a eles que a viagem para chegar até lá era muito difícil e perigosa. Os pássaros imploram à poupa que os guiassem e, para isso, elegem-na como a condutora.

Ela aceita a missão e começa a ensinar a cada pássaro de acordo com seu nível de conhecimento e temperamento. Diz a eles que para alcançar o alto da montanha, Kaf, necessitariam atravessar sete vales sendo os últimos dois desertos. Só quando conseguissem passar o segundo deserto entrariam no palácio do rei. Os de vontade débil, temerosos da viagem, começaram a dar desculpas (Attar,1991, p. 49).

O papagaio, egocêntrico e egoísta, disse que no lugar de ir em busca do rei, iria procurar a fonte da vida: “a fonte de Hidr basta-me”; o pavão real, a ave legendária do paraíso, exclamou que sonhava que voltaria ao céu e que iria esperar pacientemente esse dia; a pata lamentou-se porque sua vida dependia de estar próxima da água e morreria caso se separasse dela; a garça apresentou uma desculpa similar, não poderia viajar para longe do mar, porque seu amor pela água era tão grande que, embora permanecesse sentada durante anos à sua margem, sem beber uma só gota de sua água, ficaria a contemplá-lo. A cada desculpa a poupa percebia quão frágil era o ânimo do fraco buscador.

A coruja, ou o mocho, declarou que preferia ficar e buscar as ruínas com a esperança de encontrar nelas, algum dia, um tesouro; o rouxinol disse que não iria viajar, porque era enamorado da rosa e este amor tornara-se suficiente para ele, ninguém conhecia os seus segredos, unicamente a rosa. Havia se esquecido de si mesmo e só pensava na rosa. “Alcançar a Simurg está acima de mim” (Attar, 1991, p. 49).

A poupa, entendendo o sentimento de insegurança dos pássaros, exortou-os com a narrativa daqueles que tinham feito a perigosa viagem. Convencidos com suas histórias os pássaros decidem então ir até o primeiro vale. Entretanto, logo começam a ter problemas, e se dão conta de que o caminho seria mais difícil do que haviam imaginado.

Recomeçam as justificativas para desistência da jornada. Um afirma que a poupa não é suficientemente sábia para conduzi-los. Outro se queixa que Satanás lhe tem possuído e lhe está pondo as coisas difíceis. Há ainda o que expressa seu desejo de ter dinheiro e a comodidade de uma vida de luxo. A poupa decide então descrever-lhes os sete vales e desertos da viagem.

O primeiro vale que se apresenta é o da busca (*talab*); o que vem depois é o do amor (*ischc*), o qual não tem limites; o terceiro é o do conhecimento (*ma'rifat*); o quarto é da independência ou da autossuficiência (*istgna*); o quinto é o da pura unidade (*tauhid*); o sexto é o da terrível estupefação (*hairat*); finalmente o sétimo é o da pobreza (*fakr*) e do aniquilamento (*fana*), vale do qual não se pode avançar.

Em seguida faz a descrição dos vales e dos desertos. O Vale da Busca onde se procura a Verdade com inquietude, com constância, para obter um significado maior do propósito da vida. Só um ser realmente interessado e com dedicação pode atravessar a salvo o primeiro vale e ir ao segundo vale, o do Amor.

O Vale do Amor, onde há o desejo ilimitado de ver o Rei Amado. Um fogo abrasador começa a crescer no coração e se faz devastador. O lugar é mais perigoso que o primeiro vale, porque há obstáculos no caminho para colocar o amor em prova. Entretanto, esse mesmo amor impulsiona o buscador a sair desse vale e ir até uma terra mais alta: o terceiro vale, o do Conhecimento.

Quando se entra nessa terra, no Vale do Conhecimento o coração se ilumina com a verdade. É nesse Vale que se adquire o conhecimento interior do Amado. Do Vale do Conhecimento o viajante continua a viagem ao Vale do Desapego, onde perde seus desejos de possessões mundanas. Não há ataduras com o mundo material para o viajante que atravessa esse vale. Cada novo lugar em que ele consegue chegar é mais perigoso que o anterior e deve ser explorado passo a passo, uma vez que cada um contém suas próprias provas e dificuldades. Assim, toda chegada a uma terra diferente é uma experiência nova.

O quinto vale é o Vale da Unidade. O viajante experimenta nele que todos os seres são unos em essência, que toda variedade de ideias, experiências e criaturas da vida tem realmente e apenas uma só fonte, Deus. Depois o viajante chega ao Deserto do Medo. Então se esquece da existência de si mesmo e de todos os demais. Vê a luz, não com os olhos da mente, sim com os olhos do coração. A porta do divino tesouro, o

segredo dos segredos, se abre. Nessa terra o intelecto já não funciona. Aqui se pergunta ao viajante quem é ele e a resposta é: “não sei nada”. Finalmente chega-se ao Deserto do Aniquilamento e da Morte. Ai chegando o viajante se percebe como uma gota que se funde no oceano da unidade com o Amado.

Depois de ouvirem a descrição da poupa sobre o que lhes esperava os pássaros se animam tanto que imediatamente continuam sua viagem.

O Encontro

No caminho, no entanto, alguns sucumbem pelo calor, outros nas violentas ondas do mar. Outros simplesmente se cansam e desistem de continuar; um grupo é caçado por animais selvagens e outros se detêm tanto pelo atrativo das terras que atravessaram que ficam para trás. Só trinta alcançam a montanha de Kaf, onde encontrariam Simurg, seu Rei. Estavam cansados, depenados, famintos, com o coração sofrido, mas haviam finalmente conseguido chegar ao destino idealizado.

No portal de entrada do reino, o arauto real os aguarda. “Viemos reconhecer Simurgh, o nosso Rei,” dizem os pássaros. “Mercê do amor e do desejo dele perdemos a razão e a paz de espírito... sofremos os maiores desconfortos e passamos as maiores necessidades” (Attar, 1991, p. 228) falam eles ao se aproximarem. No entanto, são tratados com desprezo pelo guardião, que impede a entrada desses sofredores.

“Não podemos acreditar que o rei faça pouco de nós depois de todos os sofrimentos por que passamos. Ele só poderá contemplar-nos com os olhos da benevolência!” (Attar, 1991, p. 229).

Os pássaros, que passaram o pior, não desistem e com suas lamentações procuram convencer o arauto que lhes negou a entrada. Só traziam consigo reclamações e relato dos infortúnios. O recepcionista real lhes explica que não poderiam chegar ao Amado dessa maneira, com lamúrias e queixas. Como se aproximar do Amado só falando com queixumes e reclamações da viagem? Precisavam chegar a Ele felizes por terem vencido todos os obstáculos e de poderem finalmente conhecê-Lo.

Eles não se permitiram ficar molestados com a dureza da negativa. “Como se salvará da chama a mariposa que deseja unir-se a ela?” Reagiram e se comparam à mariposa que se entregara por amor à chama e fora queimada por ela. Preferiam serem aniquilados no fogo do amor como a mariposa do que viver sem experimentarem a

ventura de conhecer o seu Rei. Tendo-os colocado à prova e finalmente se convencido do amor e da convicção dos trinta pássaros o arauto real abriu a porta e os levou ao salão nobre.

As cem cortinas foram descerradas e o mundo se apresentou sem véus para esses pássaros. E o que aconteceu? Cada um deles recebeu um escrito que, por alegorias, descrevia o estado desolado em que se encontravam. E nada mais.

E Simurg, o rei dos Pássaros que tanto queriam encontrar, onde estaria? Eles estavam sozinhos na sala real. O que seria aquilo? Estavam sem entender. Só então descobriram o que procuravam na viagem. Eles só se viam a si mesmos, pois naquele local não havia ninguém. E o Rei Simurg? Perplexos, tudo o que viram eram a eles próprios, isto é os trinta pássaros, si-murg em persa.

O sol da proximidade dardejou seus raios sobre eles, e suas almas tornaram-se resplandecentes, então no reflexo de seu rosto, os trinta pássaros (si murg) mundanos contemplaram a face do Simurg espiritual. Eles apressaram-se a olhar o Simurg que encontraram e asseguraram-se de que não era outro que si-murg (trinta pássaros). Todos estavam estupefados; ignoravam se continuavam sendo eles mesmos ou se haviam se convertido no Simurg (Attar,1991, p. 232).

Em seguida entregaram-se à meditação em busca da revelação do mistério da unidade e da pluralidade dos seres. Finalmente compreendem que, olhando-se a si mesmos, tinham encontrado o Rei, e que em busca do Rei, tinham encontrado a si mesmos. Attar procura por meio de seu texto fazer com que o buscador em nenhum momento deixe de sonhar com a busca da Verdade.

Somos vizinhos um do outro;
Tu és como o Sol, e eu como a sombra.
Ó Tu que és generoso com os indigentes!
Por que não prestarás atenção a Teus vizinhos?
Meu coração está triste, minha alma aflita.
O ardor me leva a Ti faz correr as minhas lágrimas
Como a água da nuvem.
Sinto não poder estar unido a Ti;
No entanto não Ti busco menos.
Ah! sê meu guia, pois perdi-me de meu caminho!
Dá-me a felicidade, ainda que venha a
Pedir-Te intempestivamente.
Aquele que teve a fortuna de entrar em Tua vida
Enojou-se de si mesmo e perdeu-se em Ti.
Não estou sem esperanças, mas estou impaciente.
Espero que de cem mil tomarás um (Attar,1991, p. 10).

Após passarem por todas as atribuições de anos e anos de viagem, os pássaros mortais entregaram-se, por si próprios, ao aniquilamento total. O que se segue após o aniquilamento não foi objeto de reflexão de Attar. O mistério continua, mas enquanto os homens estiverem preocupados com as coisas do mundo, não se porão no caminho à procura do seu Deus.

“Enquanto tua alma não estiver a serviço do Rei eterno, como Ele te aceitará aqui? Enquanto não encontrares o rebaixamento do nada não verás jamais a elevação da imortalidade. Primeiro és lançado no caminho espiritual com envilecimento, depois és elevado com honra” (Attar, 1991, p. 234).

Referências Bibliográficas

ATTAR, Faridud-Din. *A Linguagem dos Pássaros*. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

BORGES, Jorge Luis. *A Aproximação a Almotásim*. Disponível em: www.attar.com.br/resenhas. Acesso: 09.jul. 2010.

CORBIN, Henri. *L'immaginazione cretrice. L'aradice del sufismo*. Roma-Bari: Laterza, 2001.

Folha de São Paulo, 29 de maio de 2008. Disponível em: www.folhaonline.com

KAHATAMI, Muhammad. *Diálogo entre as Civilizações*. O Irã contemporâneo e o Ocidente. São Paulo: Attar, 2006.

RIBEIRO, Leo Gilson Ribeiro. Resenha de “*A Linguagem dos Pássaros*”. Disponível em: www.attar.com.br/resenhas. Acesso: 09.jul.2010.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHAH, SirdarIkbali. *Princípios Gerais do Sufismo*. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus no Islã. In: LUCCHESI, Marco (Org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 69-89.